Missão Invisível



Missão Invisível

Original cinematográfico concebido em 1995, sob o título de “Terceiro Milênio”. Versão teatral inédita intitulada “Terceiro Milênio, o teatro do filme”, 1999. Texto literário. 2010/2011.

oescritorondeoleitoresta.com

©Todos os direitos reservados, inclusive o direito de reprodução total ou parcial.

Missão Invisível

Alexo CamaraTTe.

Capa :Pepeu Ipanema, Daniel T. e Márcio Lopes.
Revisão: Márcia Cardoso. Diagramação e Design:
Márcio Lopes. Edição: Pepeu Ipanema.
Rio de Janeiro – Brasil – www.infoconews.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Camaratte

Missão Invisível / Camaratte. -- São Paulo : Lua Multimídia, 2011.

ISBN: 978-85-64119-04-8

1. Ficção brasileira I. Título.

11-09021 CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

2ª Edição

2021

E-book e Impresso em
oescritorondeoleitoresta.co

Dedicado

À Humanidade

"Clamando ao Governador Espiritual que derrame o manto sagrado de luz sobre os terrícolas."

Prefácio

Palladiun, feudo contemporâneo, localizado no centro da Terra, faz fronteira com os cinco continentes. Ali, imigrantes encontram a oportunidade de grandes realizações materiais. São recrutados para trabalhar, em diversas funções, no segmento de entretenimento do reino, que exibe reproduções fiéis dos cartões postais das principais capitais turísticas do mundo. Os caçadores de sonhos são embalados pela perspectiva de prosperidade já usufruída pelo povo palladiúnico com as garantias de emprego, habitação, alimentação, saúde, educação, cultura, lazer e, sobretudo, o privilégio de ser parte de uma sociedade organizada e justa no reconhecimento de seus filhos e com o oferecimento do caminho para evolução de suas particulares competências, permitindo o seu crescimento pessoal e profissional. Realidade de uma governabilidade factível e próspera nos requintes monárquicos apoiados na liberdade de uma república democrática parlamentarista. A idolatria às tradições palacianas e seus aparelhos ideológicos, que vendem e propiciam a fartura de um governo que prega e pratica a evolução material com rara competência e justiça na distribuição de renda para seus habitantes. Especialmente na produção do "Crystal", a felicidade sintética, exportado e consumido pela população mundial, sobretudo a jovem, e responsável pela divulgação da marca Palladiun no mar, terra e ar. Facilitando as relações comerciais com a grande Empresa capitalista universal, representada pelo G8, concebia sua trajetória a passos largos para ser o nono nas decisões que norteiam a evolução material da humanidade. O culto das paixões materiais e o passeio pelos pecados capitais

são o natural caminho para os que depositam sua existência no princípio do "ter sem ser". A imagem, a embalagem e a representatividade são fatores preponderantes na sociedade capitalista palladiúnica, que, a cada conquista, se afasta dos valores básicos, traídos pelos seus próprios defensores em prol de mordomias da monarquia republicana democrática parlamentar. Família Real, Igreja, Parlamento e toda a máquina política, administrativa, legislativa, jurídica e executiva respaldada pelo povo feliz com os frutos do projeto "Crystal" exercitam as respectivas prepotências de suas vaidades, obsediados pela perpetuação do poder na reveladora estrada do terceiro milênio.

Redenção, país em desenvolvimento, vive as influências das revoluções políticas, culturais e sociais dos acontecimentos históricos do século passado numa viagem psicodélica coletiva que venera a liberdade de expressão, quebrando tabus. Movimentos sociais emergem em todo globo terrestre acreditando na paz e no amor como fonte de inspiração para a construção de um mundo melhor - o que não é suficiente para a evolução da humanidade que continua sendo construída com o sangue. A alienação patrocinada pela mídia provoca a frustração do sonho. Poder, sexo e rock´n roll são a herança de uma geração contaminada pela transgressão. A exploração da fé humana constrói o poder paralelo para satisfazer o interesse financeiro de poucos que concentram a renda e promovem a injustiça social escandalizada com a corrupção mascarada pelos ideais democráticos da sociedade redentora, torturada pela ditadura que fere o direito constitucional de ir e vir de seu povo. O conflito pela conquista da liberdade de expressão com a censura tem como resultante o exílio e homicídio da resistência intelectual armada. As revoluções comportamentais são absorvidas pelo conformismo programado e pelas imposições do

consumismo generalizado e da valoração social, que não mais se importa como se compra, e sim com o que se compra, para falsear a garantia de eterna procedência, desde que o comprador continue a se vender. Palladiun e Redenção, duas realidades distintas, unidas pela filosofia fraterna de aprendizado da caridade. O conflito da materialidade com a espiritualidade na eterna luta entre o mal e o bem, rumo ao desconhecido, tendo como premissa a única certeza da vida: a morte. O universo capitalista da Empresa mundial submissa ao lucro egoísta do orgulho, insaciável, com a falsa evolução material. A exploração da fé humana a serviço do poder que valoriza as paixões materiais e suas efêmeras conquistas no universo desconhecido da existência. Os pecados capitais são o caminho da regeneração no exercício de idas e vindas que buscam a compreensão na ignorância ilimitada do conhecimento do mundo astral, que prega o bem da fraternidade no painel metafórico do livre- arbítrio da vida enquanto contradição em tudo, para tudo e por tudo. O arrependimento do coração acelera rumo ao berço divino com a filosofia da doutrina espiritual inspirada pelo romance de almas gêmeas, nas ações cristãs que derramam seu manto sagrado de luz sobre toda humanidade na estrada de uma “Missão Invisível”.



Capítulo 1

O Deus Negro e a doutrina espiritual

31 de dezembro de 2013.

O Messias negro continua pregando a filosofia da doutrina espiritual. E depois de plantar a semente da caridade nos cinco continentes, conquistando adeptos e admiradores que cultuam a fé que se multiplica por todo o planeta durante o terceiro milênio, chega a "Ponte dos Desejos". A fronteira de Palladiun com a Ásia, África, América do Norte, América do Sul e Europa exibe ao fundo cachoeiras exuberantes, que se encontram na imensidão dos trezentos e sessenta graus de litoral palladiúnico, a passear pelos oceanos, abrigando, em sua extensão circunférica, praias paradisíacas e perfeitas para a prática de esportes de ação.

Palladiun, feudo contemporâneo, localizado no centro da Terra, é um país que exibe para o mundo capitalista uma rara competência na administração de seus bens naturais e de todos os segmentos necessários para o crescimento acelerado de uma economia cada vez mais salutar e valorada atualmente pelo mercado de capitais. Exemplo de uma realidade promissora, através de um sistema de governo que tem a monarquia apoiando e respaldando, com as tradições palacianas, o gerenciamento de uma república democrática parlamentar invejada pelo universo político, onde é modelo de sistema governamental de prosperidade, com aprovação popular. Fato que atrai imigrantes dos cinco continentes, conhecidos como "Caçadores de Sonhos", atraídos pelas oportunidades de realizações materiais, já usufruídas pelo povo palladiúnico, trabalhando no segmento de entretenimento e turismo daquele reino, que exibe reproduções fiéis dos cartões postais das principais capitais turísticas do mundo, ao serem adotados em diversas funções. O Messias negro surge com sua aura visível a olhos nus, iluminada e desenhada pelo arco-íris que rasga o céu azul violeta, chamando a atenção de todos que ali estão, especialmente neste dia, com representatividade dos povos que habitam os cinco continentes, guiando ou sendo guiados para apreciar a "Ponte dos Desejos", que é

a porta de entrada da prosperidade palladiúnica, desejada pelos "Caçadores de Sonhos".

– Messias é o meu nome e dirijo-me a vocês, irmãos, com a permissão divina. Daqui nada se leva. A maior e melhor herança orientada pelo nosso maior mentor para deixarmos a nossos filhos é a espiritualidade.
– E o meu nome é Apollo. Afirmo para todos os presentes que a competência do povo palladiúnico, e também dos imigrantes aceitos, é devidamente reconhecida pelo reino de Palladiun, feudo contemporâneo, abençoado por Deus, que, com sua generosidade, nos faz habitar o centro da Terra.
– Palladiun está no centro da terra com a permissão divina. O maior mentor do universo julgará a todos pelas virtudes, e não pelas riquezas.
Apollo e Rabino orquestram, com todos os presentes, a tradição palladiúnica de, no último dia do ano, jogar moedas de qualquer origem na "Ponte dos Desejos", clamando prosperidade.
Rabino se apresenta, interferindo no discurso do Messias.
– A tradição palladiúnica de se jogar quaisquer moedas na "Ponte dos Desejos" vem dando melhores frutos, a cada ano que passa. Meu nome é Rabino. Sou imigrante aceito e gozo da prosperidade palladiúnica com muito orgulho.
Apollo reforça o discurso do Rabino.
– A qualidade de vida conquistada pelo povo palladiúnico de que faço parte, pelos imigrantes aceitos, representados pelo Rabino, e pela sociedade, representada pela monarquia republicana democrática parlamentar, responsável pela eficiência e sucesso do sistema governamental, é que é modelo para o universo político.
O Rabino, inflamado, qualifica com desdém o Messias como um excluído que quer pregar, se vendendo como o "Deus Negro".
– O "Deus Negro" quer iludir e mascarar, com sua narrativa espiritualizada, as suas verdadeiras intenções, que visam o demérito

das conquistas palladiúnicas resultantes da política comandada com rédeas curtas pelo primeiro-ministro Antonios rumo à evolução material.
Todos os presentes concordam e apoiam Apollo e o Rabino.
O "Deus Negro" contesta que as referidas conquistas são direitos básicos do ser humano. Incisivo, afirma que o melhor prazer material nada significará, caso não esteja harmonizado com a espiritualidade.
– A prática da caridade como veículo da redenção da humanidade na estrada de uma "Missão Invisível", que, a meia-noite de hoje, comemora treze anos de peregrinação pelo planeta em prol da filosofia da doutrina espiritual.
O Rabino qualifica o Messias como um explorador da fé humana.
– Lembro que todo cuidado é pouco quando se trata dos falsos profetas, que a história da humanidade exibe e comprova.
Apollo estimula os ouvintes a continuarem alimentando a evolução material do primeiro-ministro Antonios.
– Trabalhar e engordar nossas contas bancárias. É isso que temos de continuar a fazer.
Inflexionando sua fala com a destreza de um comediante, arranca risos dos presentes pela afirmação de que a espiritualidade não enche a barriga de ninguém, enaltecendo a política da verdadeira evolução material, conduzida pelo primeiro-ministro Antonios, que promove a distribuição de renda, em prol da justiça social.
Reação positiva da aglomeração, agora com dezenas de pessoas a condenar o "Deus Negro" e a doutrina que ele representa, convicto de ser "O Enviado", com a permissão divina de pregar e difundir a doutrina espiritual.
O Rabino, além de se reportar à doutrina messiânica como mais um provável engodo, entre tantos outros, perceptíveis pelas ações de falsos profetas, defende a liberdade de expressão cultuada pelo reino palladiúnico e concede a palavra, com a aprovação dos demais presentes, ao Messias.
– Estamos em Palladiun, e tenho certeza que todos temos interesse em

ouvir os argumentos messiânicos.
Agradecido, o Messias, na altivez de seus dotes físicos, ecoa de seus lábios sensualizados a explicação esperada pelos populares.
– O homem inventou a religião para poder lidar, através de seu orgulho pretensioso de único ser inteligente da Terra, com o desconhecido. Ou seja, com a morte, que, pela vontade divina, é a vida da vida.
O debate entre a materialidade e a espiritualidade já atrai centenas de pessoas, com a pergunta irônica de Apollo.
– Messias, "Deus Negro" ou como queira ser chamado, responda: de quanto precisaremos pagar para termos direito à sua luz divina?
Risos dos populares são a reação que menospreza a doutrina espiritual envergada pelo Messias, que, sereno, alerta para os novos tempos.
– A luz será dos que quiserem enxergá-la. Cegos serão os que não quiserem vê-la. A reciclagem do tempo e de seus habitantes já está em curso.
Alguém, na multidão, joga uma pedra que atinge o Messias.
O Rabino contesta a violência, apoiado por Apollo e pela maioria dos populares, que expulsam com os olhos o agressor envergonhado e arrependido de seu comportamento.
O Messias sangrando chama a atenção de seu agressor.
– Irmão, o arrependimento é a porta de entrada para o berço divino, e se Deus perdoa e não castiga, quem somos nós para castigar?
Apollo, Rabino e populares silenciam com a indagação messiânica. Todos percebem a chegada da carruagem real, conduzida por cavalos alvos de raça, que transporta a princesa Musa.

Capítulo 2

Os opostos se atraem

Apollo, Rabino, populares e até os turistas reverenciam a princesa real, quando esta desce da carruagem. Messias em pé está, e assim continua.
O capitão da Guarda Real, Marcus Cezar, e o Guarda Real
Pilatos ameaçam reprimir o que seria um insulto ao reino palladiúnico, não fosse a anuência gestual da princesa, que caminha ao encontro do Messias, observada com perplexidade por todos os presentes.
Céu relampeja com violência... Trovões... Ventos velozes... Tempestade. Todos procuram abrigo da revolução manifestada pela natureza, exceto Messias e Musa, enfeitiçados, embevecidos pela paixão.
– Deus escreve certo por linhas tortas – é a declaração de um Messias embriagado pela atração de uma "Missão Invisível". Musa, inebriada pelo inexplicável sentimento que lateja no seu coração, cultiva o amor em seus olhos cor de esmeralda, que
refletem o azul do mar, onde deságuam as cachoeiras que promovem o beijo das águas doce e salgada.
Messias e Musa, hipnotizados, estão molhados pela transparência que revela o desejo. E, assim, procuram abrigo na natureza, apreciados por Apollo, pelo Rabino, por populares e
turistas, além do guarda, Pilatos, impedido pelo capitão da Guarda Real, Marcus Cezar, de clamar pela princesa Musa.
– Calma, Pilatos! A nossa princesa é bem grandinha. E, nós sabemos que tem gente que vai adorar saber da simpatia exagerada de nossa princesa real pelo representante da doutrina espiritual, que no último ano vem conquistando adeptos nos arredores palladiúnicos, contestando a evolução material protagonizada por nosso primeiro-ministro Antonios, de quem esperamos reconhecimento pela nossa fidelidade.

– Capitão Marcus Cezar, devo ir atrás do casal enamorado?

- Não. Tudo está sendo visto por diversas testemunhas. A imaginação se encarrega dos detalhes.

– Lamento, capitão Marcus Cezar, não ter sido convidado para a festa da natureza real regada pela chuva.
Messias e Musa, abrigados na natureza e molhados pela chuva torrencial são iluminados por relâmpagos, que eletrificam seus corpos, inundados pelo prazer proibido dos opostos que se atraem.

– Messias, é necessário ter muito cuidado com o primeiro- ministro Antonios e a sua evolução material.

– Nada poderá impedir a caminhada da humanidade para a luz divina na estrada de uma "Missão Invisível".
Musa, exalando sensualidade, seduz e é seduzida pelo "Deus Negro", que se entrega aos prazeres carnais. A chuva cessa enquanto dois corpos realizados e entrelaçados pelo amor se alegram.

Musa transpira felicidade e revela estar vivendo o dia mais feliz de sua jovem vida, que há pouco descobrira o prazer de amar, rompendo com as tradições do reino palladiúnico, que orienta a princesa real a se guardar para o seu prometido e futuro rei - o atual primeiro-ministro Antonios.
Messias preconiza para Musa que o amor que estão sentindo um pelo outro norteará novos tempos de paz e harmonia, que indicarão o sucesso da comum "Missão Invisível".

Marcus Cezar e Pilatos continuam aguardando a princesa real.

– Pilatos, a festa parece estar boa e os convidados parecem não ter pressa de vir embora.

– A festa regada à chuva não deve demorar a acabar, após a estiagem. Em breve, o Messias e a Princesa Musa devem estar de volta.
Marcus Cezar, impaciente, comunica a Pilatos sua intenção irreversível de revelar os acontecimentos para o primeiro-ministro Antonios.
– Pilatos, minha paciência está esgotada. Vamos acessar o videofone vermelho do primeiro-ministro Antonios para deixá-lo informado dos novos acontecimentos envolvendo o Messias e nossa princesa.

– Capitão Marcus Cezar, o primeiro-ministro Antonios precisa neutralizar os opostos que se atraem.
Marcus Cezar acessa o seu videofone para fazer contato com o primeiro-ministro, observado pelo Guarda Real Pilatos.

Capítulo 3

O primeiro-ministro Antonios e a falsa evolução material

O primeiro-ministro Antonios e sua amante Perla vivem um clima erótico nos aposentos dele, no palácio real. O videofone vermelho toca algumas vezes. Perla tenta, em vão, impedir com suas carícias que Antonios o atenda.

– Agora não, Antonios... Não, não para.

– Preciso atender, pedi para não ser incomodado. É o videofone vermelho. Deve ser importante.

– Fazer o quê?

– O que houve, Marcus Cezar? Espero que seja importante. Antonios e

Marcus Cezar se comunicam no audiovisual do videofone, em plena conexão.

– Perdão por incomodá-lo, primeiro ministro Antonios, mas acho que é meu dever avisá-lo que o Messias, apelidado pelo povo de "Deus Negro", está aqui na fronteira palladiúnica.

– Messias! Messias! É só o que ouço falar neste ano! O que está acontecendo? Novas pregações nos arredores além-fronteiras palladiúnicos, que prometem a felicidade plena?

– Primeiro-ministro Antonios, como é de seu conhecimento, as pregações continuam, mas o pior é que dessa vez elas têm o apoio declarado da princesa Musa.

– O que esse Messias tem a ver com minha princesa Musa?

– O que eu, Pilatos, imigrantes aceitos e o povo palladiúnico vimos foi o "Deus Negro" e a princesa Musa, demonstrando

intimidade, irem juntos buscar abrigo da tempestade.
O primeiro-ministro Antonios não consegue mais controlar sua irritação, sendo observado por Perla, a seu lado, e por Marcus Cezar e Pilatos, do videofone.

– E o que mais?

– Ainda não voltaram, depois da estiagem da chuva.

– Quero detalhes, capitão Marcus Cezar.

– O que está acontecendo no abrigo em que o Messias e a princesa Musa encontram-se não podemos falar, só imaginar. O que parece ter ficado claro para todos os presentes é que ambos estão enamorados.

– Capitão Marcus Cezar, quero saber de cada passo dos apaixonados. A minha prometida e querida princesa Musa e esse tal Messias não perdem por esperar. Mantenha-me informado.

O primeiro-ministro Antonios desliga o videofone e é confortado por Perla, desfrutável, que exibe maestria nas carícias ofertadas, logo retribuídas:

– Esse "borra botas" chamado Messias não poderá impedir a caminhada do meu primeiro-ministro Antonios ao poder absoluto. A rainha Esther declarara, em várias oportunidades, que sua filha, a princesa Musa, lhe está prometida. Isso que é importante. O apoio real e do parlamento. E isso você tem. Qual é o problema? O Messias? É só pensarmos num jeito de nos livrarmos dele.

– Perla, você tem razão. A princesa Musa terá uma grande decepção amorosa com seu caso messiânico. O meu destino é o poder absoluto, e nada nem ninguém será obstáculo na minha caminhada pela perpetuação do poder.

– Antonios, nossa caminhada... Nosso destino... A primeira pessoa do plural soa melhor, não acha?

– Acho que você está falando mais que a boca.

O primeiro-ministro Antonios e sua amante Perla exalam cumplicidade mundana na linguagem de seus corpos, que, por repetidas vezes, chegam ao orgasmo. A ferocidade da atração física motiva o exercício do poder dele sobre ela, que assume com prazer a personagem de escrava sexual, submissa às taras de seu mestre e mentor na arte de se doar, sem limites ao sexo.

Capítulo 4

Almas gêmeas

Messias e Musa, realizados, continuam no abrigo mesmo depois de a chuva parar.

– Messias, eu estava morrendo de saudades. Por onde o Messias tem andado? Eu te amo...

– Musa, você está o tempo todo no meu coração. A princesa Musa do reino de Palladiun é minha alma gêmea. Eu também te amo, e muito.

– Dessa vez, vê se não me abandona. Será que, mais uma vez, a alegria de nobre durará pouco?

Messias e Musa divertem-se com os risos da intimidade.

– Você sabe que preciso peregrinar e preparar o povo palladiúnico, imigrantes aceitos e até mesmo os turistas presentes para chegada do "Escolhido", que triunfará em seu
"cavalo de aço" na luta da espiritualidade contra a materialidade. Nós temos toda a eternidade. O amor é eterno e nós nos amamos. E, estejamos onde estivermos, sempre teremos
esse sentimento conosco.

– Messias, ou melhor, "Deus Negro", como está conhecido nos arredores de Palladiun, eu não tenho dúvidas em relação ao nosso amor. O que tenho é medo. Antonios sabe que sou o caminho mais curto para ele conquistar o poder absoluto, tornando-se rei de Palladiun.

– Musa, nós estamos sendo assistidos por mentores espirituais, que hão de nos guiar na estrada de uma "Missão Invisível" para que tenhamos o merecimento de encontrar a verdade absoluta do universo, ajoelhados e com a benção do berço divino. A

felicidade plena aguarda a humanidade, que a conquistará, através do aprendizado da caridade no exercício do livre- arbítrio.

– A sua fé é contagiante, mas não podemos esquecer que estamos lidando com um homem que não poupará esforços, e será capaz de qualquer coisa para alcançar seu objetivo de conquistar o poder absoluto. E o pior que ele tem o apoio do parlamento e da minha mãe.

– A rainha Esther, sua mãe, representa o poder.

– Mamãe está encantada com as conquistas projetadas e articuladas pelo seu primeiro-ministro Antonios. Segundo sua visão, ele possui o dom natural da política e está contribuindo em muito para que o reino palladiúnico torne -se a nona potência nas decisões que norteiam o mundo, o que para nós representa uma falsa evolução material.

– O que tiver que ser, será. E já está escrito. O futuro a Deus pertence.

Musa percebe que o tempo voara. Um lindo entardecer alaranjado se desenhava no céu, derramando chuviscos nos verdejantes morros circundados pelo azul do oceano.

– Eu tenho que ir, estão todos à minha espera no palácio para os preparativos da cerimônia de passagem de ano.

Messias e Musa beijam-se ardentemente, antes de partirem para a Ponte dos Desejos.

Capítulo 5

Os dois lados da moeda

Apollo, Rabino, populares e turistas confabulam curiosos sobre o que poderia estar acontecendo entre o "Deus Negro" e a princesa Musa. E, durante a conversa, o dito de que "a cada conto se aumenta um ponto" vai sendo reforçado pela imaginação dos envolvidos. Especulam sobre o provável romance dos protagonistas, produzindo comentários que poderiam tomar vulto e contabilizar prejuízos para imagem do reino palladiúnico, de acordo com as proporções intencionadas dos divulgadores dessas notícias.

– O que a Princesa Musa pode ter com esse Messias? Isso é porque ela ainda não me conhece na intimidade. Não é por acaso que meu nome é Apollo.

Risos debochados ecoam no meio da diversidade étnica que compõe a roda comandada por Apollo, possuidor de especial carisma e beleza, o que justifica seu nome.

O Rabino é observado por uma pequena aglomeração.

– A Igreja palladiúnica deve combater esse falso profeta. E a princesa Musa demonstra que é melhor termos os inimigos por perto, para vigiarmos seus passos e evitarmos surpresa.

– Todo cuidado é pouco com esses bruxos e seus seguidores. E aqui, agora, mediante as testemunhas presentes, empenho a palavra de Apollo que, se necessário for, estarei disponível para lutar em nome da continuidade do sucesso da evolução material conduzida pelo primeiro-ministro Antonios.

Marcus Cezar e Pilatos observam os grupos formados enquanto esperam a volta da princesa Musa.

– Pilatos, mande dar água aos cavalos e veja se tudo está em ordem com a carruagem. O fim da tarde está anunciado e logo a princesa deve estar de volta. Pelo menos, é o que espero com o fim da tempestade.

Pilatos percebe a chegada da princesa ladeada pelo Messias.

– Capitão Marcus Cezar, acho que não é mais preciso esperar.

A princesa Musa e o Messias exibem, para quem quiser ver, a felicidade estampada em seus rostos.

– Pilatos, segundo o primeiro-ministro Antonios, são dois pombinhos apaixonados que não perdem por esperar.

Risos irônicos de Marcus Cezar e Pilatos.

A multidão percebe a chegada de Messias e da princesa Musa vendendo felicidade.

– Olha o que eu disse. A bruxa está solta. A nossa princesa está enfeitiçada. Esse homem é um feiticeiro.

O Rabino intercede e toma a palavra.

– Apollo pode até ter razão, mas deixemos que a Princesa Musa
fale e explique as razões de sua reverência ao “Deus Negro”.

– O amor é a resposta para a vida. O Messias prega a paz, o conhecimento de nossa espiritualidade. Vocês têm alguma coisa contra a paz e o amor?

Reação em cadeia da diversidade étnica presente responde a princesa.

– Não!

Marcus Cezar e Pilatos continuam atentos a todos os acontecimentos ocorridos e protagonizados pelo Messias e a princesa Musa na Ponte dos Desejos.

– Pilatos, grave discretamente tudo o que estamos vendo pelo videofone. Assim poderemos comprovar as nossas palavras.

– Capitão Marcus Cezar, isso é fácil.

Pilatos prepara o videofone para gravação, sem ser notado.

– Pronto! Já estamos com a função audiovisual do videofone em pleno funcionamento. O ângulo da gravação está perfeito.

Marcus Cezar e Pilatos prestam atenção no discurso da princesa Musa.

– Então, não sejam preconceituosos e não julguem levianamente um homem que prega a paz e o amor. Todos nós temos o direito de expressar nossas ideias. A divergência deve produzir conhecimento e respeito aos pensamentos adversos no exercício da verdadeira democracia, onde procuramos entender e aceitar os dois lados da moeda.

– A luz divina premiará e castigará, tendo como premissa o merecimento. Lembro que a filosofia espiritual que venho espalhando pelo mundo não é minha e sim de nosso Pai. É com a permissão divina que convoco a todos vocês para a leitura do